

Resistência do comércio tira produtos das prateleiras

Procon-Dieese constata que em algumas lojas já não se encontram marcas que tiveram alta de preços

Ledice Araujo, Marcelo Rehder e
Cristina Canas

• SÃO PAULO e RIO. A queda-de-braço entre varejo e indústria em torno do repasse do aumento de custos provocado pela desvalorização do real já está se refletindo na falta de algumas marcas em supermercados de São Paulo. O Café do Ponto, por exemplo, que na semana passada teve o preço de tabela elevado em 15% pelo fabricante, não foi encontrado esta semana em 26 dos 70 supermercados visitados pela pesquisa diária da cesta básica do Procon-Dieese. Também foi constatado desabastecimento de frango resfriado inteiro e de biscoito maisena em quatro supermercados.

O biscoito maisena da marca Triunfo chegou a faltar em 32 supermercados. Ontem, o preço médio da cesta teve alta de 0,19% e a variação acumulada no mês passou a ser positiva, de 0,04%. A

cesta básica do paulistano estava custando ontem R\$ 121,93.

O presidente da Associação dos Supermercados do Rio (Asserj), Aylton Fornari, recomendou aos consumidores que não façam estoques, mesmo de artigos encontrados em promoção. Ele explicou que as empresas continuam resistindo a aumentos, mas alguns fornecedores mantêm as tabelas. No caso das indústrias de café, os reajustes variam de 30% a 40%; frango, 20%; queijo, 15% a 20%; e óleo de soja, 15% a 20%.

Abras atribui falta à recusa do varejo a tabelas com reajuste

No caso da carne, Fornari acha que a alta é especulativa, partindo do pecuarista. O traseiro (cortes de primeira) chegou ontem a R\$ 2,90 — 18% a mais que no início do mês.

As redes de supermercados decidiram boicotar os fornecedores

que aumentarem preços abusivamente. Wilson Tanaka, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de São Paulo (Sincovaga), que reúne os supermercados de pequeno e médio porte, diz que o setor está disposto a substituir marcas cujos preços sofrerem aumentos abusivo.

O presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abrás), José Humberto Pires de Araujo, disse que são poucas as faltas de marcas ou produtos, que, segundo ele, podem estar ocorrendo devido à resistência dos varejistas aos aumentos injustificados. E garantiu que essa pequena escassez não significa, em hipótese alguma, o início de processo de desabastecimento. Segundo ele, com a normalização do câmbio e dos juros, as tabelas tendem a se normalizar e as prateleiras voltarão a ficar bem abastecidas com marcas variadas.

Ontem, o setor recebeu novas tabelas reajustando preços de produtos como o chocolate, que ficou 7% mais caro para o varejo. A alta de 12% na carne bovina já contaminou outros embutidos (lingüiça, presunto e apresuntados, entre outros), cujos preços de tabela foram aumentados em média 8%. Produtos importados, como pipoca para microondas e lentilhas argentinas, também ficaram 8% mais caros.

Novos preços de remédios chegam quarta às farmácias

O ministro da Saúde, José Serra, disse ontem que o Governo não vai exercer controle sobre os preços de remédios, mas fará fiscalização para evitar formação de cartéis e monopólios, como acontece, segundo ele, nos Estados Unidos. Serra ameaçou, porém, suspender patentes em casos de reajustes abusivos, para permitir que outros laboratórios possam

entrar na concorrência. Ele destacou que, entre dezembro de 96 e dezembro 98, alguns laboratórios chegaram a realizar reajustes entre 70% e 100%, em um período praticamente sem inflação.

Os novos preços dos remédios só chegarão às farmácias na próxima quarta-feira. Segundo varejistas, os que tiveram mais custos importados na composição de custos poderão ter reajustes acima de 30%, considerando a valorização do dólar que já é de mais de 70% no mês. Os índices serão discutidos em reunião dos laboratórios, segunda-feira, em São Paulo, com o monitoramento de técnicos do Governo que estão preocupados com o impacto da turbulência do câmbio nos preços para o consumidor.

Enquanto não chegam as tabelas dos laboratórios, as farmácias enfrentam a queda-de-braço com as indústrias de outras mercadorias que mudaram seus preços. ■